

A Rainha de Wakanda: Uma análise sociopolítica sobre o percurso de Shuri entre filmes e quadrinhos

La Reina de Wakanda: Un análisis sociopolítico del viaje de Shuri entre las películas y los cómics

The Queen of Wakanda: A sociopolitical analysis about Shuri's trajectory between movies and comic books

ELLEN ALVES LIMA¹

Resumo: O presente trabalho busca apresentar Shuri, a primeira protagonista negra do Universo Cinematográfico da Marvel. Inicialmente, vamos reconhecer a potência de uma super-heroína negra no imaginário de heroísmo, que é marcadamente falocêntrico. Em seguida, pretendemos conhecer a personagem nos quadrinhos para identificar que elementos compõem o seu perfil de personagem. Por fim, analisamos a obra cinematográfica *Pantera Negra: Wakanda para Sempre* (2022) que foi estrelada por Letitia Wright como Shuri, a Rainha de Wakanda. A partir de um referencial teórico de raça e gênero, examinamos a heroína de modo a questionar se existem elementos pejorativos em sua composição. Exaltamos a exibição de uma mulher negra em posição de poder, ao passo que criticamos os elementos que podem ser lidos como pejorativos.

Palavras-chave: Super-heroína; Marvel Comics; Cinema; Quadrinhos; Negritude.

Resumen: Este artículo pretende presentar a Shuri, la primera protagonista negra del Universo Cinematográfico Marvel. Inicialmente, vamos a reconocer el poder de la inserción de una superheroína negra

¹ Doutoranda e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) com graduação em Cinema pela Universidade Estácio de Sá (UNESA). Email: ellen2000.a.l@gmail.com

en el imaginario del heroísmo, marcadamente falocéntrico. A continuación, pretendemos conocer al personaje en los cómics para identificar qué elementos conforman su perfil de personaje. Por último, analizamos la película *Pantera Negra: Wakanda por siempre* (2022) protagonizada por Letitia Wright como Shuri, la reina de Wakanda. Desde un marco teórico de raza y género, examinamos a la heroína para cuestionar si existen elementos peyorativos en su composición. Exaltamos la exhibición de una mujer negra en una posición de poder, al tiempo que criticamos los elementos que pueden leerse como peyorativos.

Palabras clave Superheroína; Marvel Comics; Cine; Cómics; Negritud.

Abstract: This paper aims to introduce Shuri, the first black protagonist in the Marvel Cinematic Universe. Initially, we will recognize the power of inserting a black superheroine into the imaginary of heroism, which is markedly phallogentric. Next, we want to get to know the character in the comics to identify what elements make up her character profile. Finally, we analyze the film *Black Panther: Wakanda Forever* (2022) starring Letitia Wright as Shuri, the Queen of Wakanda. Based on a theoretical framework of race and gender, we examine the heroine in order to question whether there are pejorative aspects in her portrayal. We exalt the display of a black woman in a position of power, while criticizing the elements that can be read as pejorative.

Keywords: Superheroine; Marvel Comics; Cinema; Blackness.

Introdução

Shuri aparece pela primeira vez no volume 4 da história em quadrinho *Pantera Negra* (2005), escrita pelo cineasta Reginald Hudlin, e assume o protagonismo no volume 5 de *Pantera Negra* (2009). A personagem é a irmã mais nova de T'Challa, o Pantera Negra, é a cientista mais inteligente do país e, em certas ocasiões, do universo da Marvel Comics.

Ao voltarmos nosso olhar para a transposição desses quadrinhos no cinema verificamos que, no ano de 2018, *Pantera Negra* foi um sucesso de bilheteria e arrecadou 1,3 bilhão de dólares. A obra estrelada por Chadwick Boseman como T'Challa conquistou três Oscars. Após o sucesso do filme, a Marvel Comics apresenta, pela segunda vez, em suas histórias em quadrinhos, Shuri como a heroína Pantera Negra em *Shuri vol 1-10* (2018). Apesar de esses elementos transitarem por mídias diferentes, percebemos que de maneira linear a Marvel Comics foi direcionando os holofotes para a cientista.

Em 2020, o ator Chadwick Boseman faleceu após a sua luta contra o câncer de cólon, e o Universo Cinematográfico da Marvel decidiu que a próxima pessoa que utilizaria o manto de pantera negra seria Shuri. Essa continuidade torna-se mais compreensível ao notarmos que tal opção já havia sido apresentada. Vale explicar que nas obras audiovisuais anteriores *Pantera Negra* (2018) e *Vingadores: Guerra Infinita* (2019), a irmã mais nova era projetada apenas como o alívio cômico e produzia os dispositivos tecnológicos mais avançados, sendo carismática, porém sem grande destaque. Após a escolha da nova Pantera Negra, o diretor Ryan Coogler e o roteirista Joe Robert Cole desenvolveram o roteiro de *Pantera Negra: Wakanda Para Sempre* (2022).

Ao investigarmos o percurso de Shuri em quadrinhos e filme, debruçamo-nos principalmente sobre seu perfil de personagem e arco narrativo em apenas duas obras, Shuri vol 1-10 (2018) e *Pantera Negra Wakanda Para Sempre* (2022). Essa personagem, em certas ocasiões, assume inclusive uma posição de poder relevante dentro do universo da Marvel Comics.

Ao estudar a cultura popular, e principalmente Shuri nesse contexto, lançamos mão do Stuart Hall em *Notas Sobre a Desconstrução do “Popular”* (2003) quando afirma que “o estudo da cultura popular é como o estudo da história do trabalho e de suas instituições. Declarar um interesse nele é corrigir um grande desequilíbrio, é apontar uma significativa omissão.” (HALL, 2003, p.252). Nesse trecho, Hall se propõe a compreender como se deu a cultura popular entre 1880 e 1920. Apesar de abordarmos um período mais contemporâneo do que o descrito acima, ainda podemos recuperar sua lógica para justificarmos a relevância de se analisar materiais audiovisuais que são consumidos de forma massiva na atualidade – pois, a partir do levantamento de certos dados, estamos trazendo à luz problemas sociais que o autor classificou como expressões de desequilíbrio e tensionamento entre a cultura dos dominantes e a dos dominados. Quando elegemos Shuri como nosso objeto de estudo, destacamos que a partir da personagem buscamos expor questões sociais que perpassam as obras e nosso cotidiano.

Consideramos relevante analisar o perfil de personagem e o arco narrativo de Shuri nesses produtos da cultura pop, pois ainda podemos nos deparar com certas questões que são relevantes de se discutir atualmente, uma vez que Hooks (2023) adverte sobre a importância de questionarmos os produtos midiáticos que são bombardeados no nosso cotidiano. Assim, realizamos o exercício de pensamento crítico.

O Universo Cinematográfico da Marvel, que realiza as transposições cinematográficas de seus quadrinhos, conquista em média milhões, e, por vezes, mais de um bilhão de dólares. Garcia (2023) aponta que a maioria dos protagonistas dessas obras seriam masculinos e brancos, desse modo questionamos o porquê de direcionarem o protagonismo para outros grupos fora dessa norma. Shuri, de certo modo, rompe esse imaginário de super-herói tornando-se relevante para a nossa pesquisa, porém reconhecemos que a sua projeção está relacionada com a busca por lucro da Marvel Studios. Aqui destacamos que percebemos a presença da lógica do *Woke Capitalism*, uma estratégia na qual as empresas multimilionárias passam a exibir perfis contra-hegemônicos com o principal objetivo de se obter lucro.

A obra audiovisual *Pantera Negra: Wakanda para sempre* (2022), terceiro filme do Universo Cinematográfico da Marvel a ser protagonizado por uma mulher, obteve o maior orçamento dentre os três, com 250 milhões de dólares e teve bilheteria mundial de 859, 2 milhões de dólares. Ou seja, perdeu aproximadamente 30% de bilheteria quando comparamos com a arrecadação da obra cinematográfica anterior em que Shuri está presente, mas não como protagonista, ainda assim, a primeira super-heroína negra apresentada como protagonista foi um blockbuster.

A Ruptura no Imaginário

Primeiramente, precisamos definir porque é relevante a projeção de uma super-heroína negra para o imaginário da cultura pop. Apresentamos, assim, o nosso referencial teórico que vai se iniciar com Bottici (2014) nos apresentando a relação entre imaginário e política, seguido de Moreira (2019) e Lauretis (2019) que vão nos explicar a projeção pejorativa dos corpos negros e femininos.

Chiara Bottici (2014) afirma que “*Imaginal*, significa aquilo que é feito de imagens e pode, portanto, ser produto tanto de uma faculdade individual quanto do contexto social, bem como de uma interação complexa entre os dois.” (Bottici, 2014, p.13). A partir desse trecho, compreende-se que *imaginal* é um termo guarda-chuva para refletir sobre as imagens no imaginário coletivo e individual. Portanto, é preciso destacar que Bottici relaciona o imaginário com política ao longo de sua obra, enfatizando o a complexidade de opressões presente na sociedade contemporânea:

Primeiro, a capacidade humana de formar imagens é crucial e o seu papel deve ser levado em conta. Em segundo lugar, mesmo dentro de um imaginário social particularmente opressivo, existe sempre a possibilidade de emergir a livre imaginação dos indivíduos (Bottici, 2014, p.14).

Desse modo, a autora apresenta o termo de uma maneira ampla, para encontrarmos possibilidades de discussões sobre o tema. Pois, apesar de reconhecer a opressão por meio das imagens, não exclui a proposta de que indivíduos podem imaginar fora desse campo. Para a autora, na sociedade atual, o fluxo entre indivíduo e imaginário ocorre a partir da potência das imagens, assim “dito de forma simples, se a imaginação é uma faculdade individual que possuímos, o imaginário é o contexto que nos possui.” (Bottici, 2014, p.40).

Vale lembrar que filme e quadrinho são obras culturais e, como tal, estão inscritas no mundo em determinado tempo e espaço. E, assim, são atravessadas por um imaginário societal que vai ser resultado da negociação entre as pulsões da imagem que se dão a nível individual, coletiva e da interação complexa entre os dois, como reflete Chiara Bottici.

Portanto, ao refletir sobre o *imaginal* discute-se sobre a relação entre indivíduo, coletivo, imagens e por consequência entre afetos e política. Definimos a relevância das imagens no cotidiano da sociedade, tornando-se possível identificar seu caráter dominante e manipulador. Desse modo, a pesquisa é capaz de prosseguir para as relações de poder que são estabelecidas na sociedade atual.

Uma relação de poder que é determinante até os dias atuais seria o racismo. Essa questão é discutida por Grada Kilomba em *Memórias da Plantação* (2019), que disserta sobre como o racismo não é algo do passado, e que está presente em diversas camadas do sistema atual. A autora apresenta conceitos como racismo institucional, estrutural e cotidiano, sendo que cada um dos termos indica formas de violência contra a negritude. Desse modo, compreende-se que, “o racismo, por sua vez, inclui a dimensão do poder e é revelado através de diferenças globais na partilha e no acesso a recursos valorizados, tais como representação política, ações políticas, mídia, emprego, educação, habitação, saúde, etc” (KILOMBA, 2019, p.76).

Ao pensarmos na relevância de se discutir representações nos espaços, podemos refletir com Adilson Moreira, que em *Racismo Recreativo* (2019) afirma que a negritude é prejudicada em suas projeções nos meios de comunicação, que por sua vez impactam o imaginário coletivo. Compreendemos que esses elementos se retroalimentam. Então, destaca que

esse fator afeta até a dignidade do indivíduo negro, visto que ele não se vê de maneira digna nas telas. Dessa maneira, é possível perceber que a branquitude ocupa o espaço de soberania na nossa sociedade, e se privilegia enquanto o corpo que detém o poder para idealizar as imagens e se manter como superior.

Além de pessoas negras sofrerem com projeções pejorativas, Teresa de Lauretis analisou questões de gênero no cinema e realizou a seguinte reflexão.

Refiro-me aqui à sexualidade como construção e autorrepresentação; e nesse caso, com uma forma masculina e outra feminina, embora na conceitualização patriarcal ou androcêntrica a forma feminina seja uma projeção da masculina, seu oposto complementar, sua extrapolação – assim como a costela de Adão. De modo que, mesmo quando localizada no corpo da mulher (vista, como escreveu Foucault, “como que completamente saturada de sexualidade”) a sexualidade é percebida como atributo ou propriedade do masculino (Lauretis, 2019, p.136).

Embora a autora não se refira a dados referentes à raça e sim aos de gênero, nesse trecho há mais uma conexão com Bottici. Ao considerar que a sociedade é dominada por imagens, que são organizadas por um caráter hegemônico, essas imagens são afetadas e afetam às identidades de coletivos. Assim como Lauretis apontou acima ao indicar que a feminilidade é idealizada pelo masculino, Moreira (2019) adverte que a negritude é idealizada pela branquitude. Desse modo, o imaginário político sobre o corpo da mulher negra é atravessado por essas duas camadas que nos foram alertadas pelos autores.

Ao adentrarmos nessa demarcação específica, quando pensamos em racismo, precisamos compreender o que Kilomba (2019) disserta sobre a complexidade do corpo da mulher negra. A autora adverte que, ao ser apenas um homem negro ou apenas uma mulher branca já existiria um caráter contra-hegemônico, entretanto, ao conter em si duas camadas minoritárias, mulher e negra, é considerada “o outro do outro” (Kilomba, 2019, p.88-9). Portanto, a mulher negra, como uma expressão da interseccionalidade, sofre tanto com o racismo como com o machismo, localizando-se mais à margem da sociedade do que os dois corpos listados anteriormente. Desse modo, a mulher negra é afetada pela representação pejorativa na mídia, apontada por Moreira (2019) e Lauretis (2019).

Vale explicar que não podemos indicar que ao existirem indivíduos contra-hegemônicos no processo de idealização do projeto que o conceito de representatividade esteja resolvido e a projeção não será pejorativa. bell hooks afirma em *Cinema Vivido* (2023) que, na década de 90, mesmo que alguns diretores ou o elenco fossem negros ainda assim criavam narrativas hegemônicas. No caso que vamos abordar também discutiremos o impacto da idealização contra-hegemônica na obra de Ryan Cogler. A partir desse arcabouço teórico, podemos evidenciar a relevância da obra *Pantera Negra*:

Wakanda para sempre (2022) uma vez que se trata de uma protagonista negra projetada em escala internacional, iniciando uma certa ruptura nas imagens hegemônicas que repercutiam a ideia do corpo ideal de herói.

A Super-Heroína Negra

Os filmes e os quadrinhos que Shuri protagoniza se passam no país africano fictício de Wakanda. Esse território contém em abundância um metal chamado *vibranium* que, por ser escasso em outros ambientes, é cobiçado por diversos grupos ao redor do mundo. A população do país fictício desenvolveu armas utilizando desse recurso para impedir que fossem explorados por grupos colonizadores. Sendo assim, quando acompanhamos essas narrativas, vale recordar que estamos observando um local imaginário.

Para compreendermos a projeção e a relação de Wakanda com Shuri, vale conhecer as histórias em quadrinhos de 2018. O quadrinho se inicia com Shuri recordando da última vez que se tornou a Pantera Negra. Nessa ocasião, a heroína morreu, ingressou no plano espiritual (Djalía) e recebeu um superpoder de cada ancestral de Wakanda. Assim como conectou-se com todo o conhecimento do país sendo chamada por seus ancestrais de *Future Ancestral* (Futura Ancestral). Era aclamada por suas invenções no país e apesar do sucesso, a protagonista carrega algumas angústias relacionadas à hierarquia do reino, pois seu irmão era a figura mais relevante do país, e assim se sente subjugada. Aqui compreende-se o sentimento de não pertencimento da protagonista em um espaço de poder como uma super-heroína, assim como seu questionamento sobre as suas próprias habilidades.

Essa indagação encontra ressonância em estudos de gênero que apontam a designação do espaço da mulher inferior ao dos homens. Judith Butler (2019) afirma a influência do contexto sociopolítico histórico para a construção dos gêneros binários na sociedade. Butler discute que gênero não é algo naturalmente desenvolvido, contudo, ao ser uma característica imposta, impacta no cotidiano da sociedade. Apesar de Wakanda não ter sido afetada pela colonização, ainda assim, ela repercute a hierarquia de gênero binária na qual prioriza-se a liderança masculina, nos revelando que a desconstrução social desse país apresenta um certo limite.

No final, Shuri salva Wakanda e conversa com outra Pantera Negra ancestral. A fantasma afirma que só foi Pantera Negra por dois meses, salvou o país e em seguida devolveu o manto ao pai. A cientista volta para Wakanda,

e ao refletir sobre seu desempenho, afirma a sua identidade diante do país e que resolveria os problemas que tivessem. Portanto, é possível observar que o objetivo de Shuri não é carregar o símbolo de heroína da nação, mas sim desempenhar todos os seus papéis sociais possíveis.

Aqui conhecemos a princesa de Wakanda em sua coleção de quadrinhos. Conseguimos perceber que Shuri busca alcançar todos os papéis sociais possíveis. A super-heroína rompe com a performance binária e limitadora apresentada por Butler (2019). Desse modo, notamos que a personagem foi construída para ir além da beleza ou de apenas uma função, sendo assim, apresenta qualidades e elementos diferentes que compõem a sua identidade. A representatividade que fornece caminhos para o corpo que sofreu diversos atrasos imagéticos.

A Jornada da Heroína Negra

Aqui vamos abordar o arco narrativo da obra audiovisual e os figurinos de Shuri, para isso vale ressaltar alguns pontos da obra anterior. T'Challa, irmão de Shuri (Chadwick Boseman) possuía um conflito direto com seu primo que cresceu nos Estados Unidos, Killmonger (Michael B. Jordan). O vilão buscava armar belicamente todos os grupos de pessoas negras oprimidas pela branquitude, assim como expor Wakanda para o resto do mundo. Killmonger, incendiou todas as *Heart-Shaped Herb* – flor que entrega os poderes do Pantera Negra para o indivíduo que a consumir – após ingeri-la. Desse modo, surge a oportunidade para o que vem a seguir.

Percebe-se uma certa mudança no figurino da protagonista entre o primeiro filme em que a irmã mais nova tinha um cabelo longo com tranças *box braids* bem finas. Enquanto na sequência, observa-se seu amadurecimento quando seu cabelo agora está crespo com o corte *tapered*². Suas roupas, que eram mais infantis, tornam-se peças mais longas e lisas.

A obra começa com Shuri orando para os seus ancestrais clamando para conseguir salvar seu irmão. Ela tenta recriar a *Heart-Shaped Herb*, entretanto, não consegue a tempo e seu irmão não resiste. Portanto, torna-se cânone que o personagem de Chadwick Boseman morre de uma doença, porém, não se

² Os devidos cortes e penteados estão presentes na notícia sobre a protagonista, sendo a primeira imagem referente as *Box Braids* e a segunda ao *Tapered*.
<https://www.disney.com.br/novidades/quem-e-letitia-wright-a-atriz-que-interpreta-shuri-em-pantera-negra>

explica qual. Shuri demonstra frustração e tristeza, após esse acontecimento, uma vez que suas orações não foram atendidas, assim como, não conseguiu recriar tecnologicamente o remédio que poderia salvar T'Challa. Sendo assim, compreendemos que a jornada da personagem será a superação do luto.

Em busca de se tornar útil e proteger Wakanda a personagem mergulha na necessidade de desenvolver armas e armaduras para as Dora Milaje, guerreiras de Wakanda. Entretanto, até em Wakanda, seus esforços para modernizar as armas são considerados progressistas demais. Okoye, a general das Dora Milaje, prefere seguir utilizando as lanças ao invés de vestir uma armadura e empunhar adagas super tecnológicas. Desse modo, a personagem está na fase de negação do luto ao produzir infinitos dispositivos tecnológicos para o seu país.

A princesa apresenta a supervalorização da racionalidade para evitar as emoções, como algo negativo. Shuri não se afasta apenas do embate com suas emoções durante o luto, mas também evita seu contato com os ancestrais e sua espiritualidade em Wakanda. A racionalidade é uma característica atribuída ao universo masculino em contraposição com o emocional normalmente imposto à feminilidade, como aponta Tiburi (2018), enquanto Kilomba (2019) destaca que certas narrativas estereotipadas designavam a negritude ao primitivismo, “Primitivização: O sujeito negro torna-se a personificação do incivilizado – a/o selvagem, a/o atrasa/o, a/o básico ou a/o natural –, aquele que está mais próximo da natureza.” (KILOMBA, 2019, p.79), sendo assim uma projeção pejorativa. A feminilidade e a negritude sofrem com estigmas do irracional. Enquanto Shuri busca desvelar apenas o seu lado racional essa estratégia é percebida como algo ineficaz porque a personagem continua ansiosa, sendo assim, há a expectativa na narrativa pelo momento em que a protagonista irá se desvencilhar desse mecanismo.

Além da fase de negação do luto, agora, Shuri vai descobrir a sua nova identidade. Percebemos que a trajetória da protagonista também envolve se desvencilhar do irmão para seguir sua própria jornada enquanto nova salvadora de Wakanda. Nessa obra acompanhamos sua descrença para com os ancestrais de Wakanda, se atendo ainda mais à tecnologia como sua forma de preencher o próprio vazio.

Na sociedade atual, não há como desvincular a tecnologia do cotidiano ou dos indivíduos que realizam interações sociais. Shuri demonstra não distinguir a tecnologia de sua existência. Há a compreensão de que tudo é tecnologia (LEMOS, 2015), desde as lanças tradicionais das Dora Milaje até as novas

adagas brilhantes. O progresso por meio do aprimoramento dos dispositivos é inevitável e necessário, de acordo com a protagonista.

Por essa razão, podemos relacionar a obra audiovisual com o conceito de Afrofuturismo. Esse movimento artístico demonstra-se que existem possibilidades para o futuro da negritude em que é possível relacionar as tradições ancestrais com a tecnologia avançada. As obras literárias de Octavia Butler demarcam o início desse movimento. A autora preocupou-se em criar histórias em que o passado e o futuro estão fluindo no presente.

Wakanda torna-se um exemplo de ambiente afrofuturista e nos revela uma especulação e fabulação de um passado diferente do comum. Em seguida, um presente com uma cultura de certo modo conservadora. Por fim, percebemos a presença de tecnologias avançadas para o ano em que a narrativa se passa. Desse modo, quando notamos elementos do movimento afrofuturista nesse filme, estamos observando esse atravessamento da temporalidade somado com a especulação de uma narrativa diferente das narrativas pejorativas.

No filme, podemos compreender que a tecnologia permite a elaboração de novos espaços. Beth Coleman, em *Race as Technology* (2009), aponta que a partir da união de coletivos raciais é possível desenvolver espaços de resistência. Dessa maneira, além de ser possível observar a hibridização entre tecnologia, seres vivos e cultura, ao avançar na discussão, é perceptível o papel da tecnologia no desenvolvimento de espaços e narrativas contra-hegemônicas. Desse modo, Wakanda, em seu universo cinematográfico, tornou-se um espaço de acolhimento a pessoas negras. Assim como, a ideia de Wakanda contribui para o imaginário de um espaço de resistência negra.

Ao darmos seguimento à análise do filme, vamos conhecer outro grupo que não foi afetado pela colonização e pode seguir com a sua cultura até o ano de 2024. Nessa segunda obra, é mais perceptível o fato de países colonizadores buscarem vibranium, porém Ramonda, que é rainha de Wakanda, não permite que cheguem perto de suas fronteiras. Desse modo, os Estados Unidos encontraram vibranium no oceano, descobrindo assim um outro grupo que conseguia, até então, evitar o encontro com a colonização.

Esse grupo era formado por descendentes do povo maia, que ao consumirem uma flor aquática desenvolveram o poder de viver debaixo d'água. Eles são liderados por Namor, um mutante que pode viver na água e na terra, com super força, asas nos calcanhares e uma quase imortalidade. Por temer a perseguição dos países que desfrutam dos privilégios da colonização, Namor, busca ajuda de Wakanda para que se unam.

Namor apresenta seu mundo subaquático dos maias nunca colonizados para Shuri. Em seguida, ocorre uma conversa sobre que medidas eles deveriam tomar para protegerem seus povos, uma vez que, ambos eram perseguidos. Diante disso, Shuri admite sua extrema raiva do mundo por ter perdido o irmão. Percebe-se que sua raiva é mais voltada para si mesma, enquanto Namor que viu os espanhóis chegarem na sua terra com doenças e armas, tem raiva dos colonizadores.

Nessa cena submersa, Namor ordena que Shuri vista uma roupa que transpasse realza para o seu povo. É preciso destacar que o figurino é coerente com as outras peças vestidas pela protagonista, pois é longa não apenas no sentido vertical, mas cobre seus braços e nunca mostra um decote, assim como há a presença do *turtle neck*³. Os personagens não entram em acordo e Shuri retorna à Wakanda.

Vale ressaltar que, ao recordar do vilão do primeiro filme, é a segunda vez que o vilão apresenta o desejo de se vingar do colonialismo. Embora os personagens sejam radicais no desenvolvimento de soluções para as opressões sociais, ainda assim seus questionamentos condizem com a extrema violência que esses grupos viveram e vivem. Por essa razão, é preciso observar uma passagem do autor Ailton Krenak quando se refere aos colonizadores que encontraram os indígenas brasileiros

Um sujeito que saía da Europa e descia numa praia tropical largava um rastro de morte por onde passava. O indivíduo não sabia que era uma peste ambulante, uma guerra bacteriológica em movimento, um fim de mundo; tampouco o sabiam as vítimas que eram contaminadas. Para os povos que receberam aquela visita e morreram, o fim do mundo foi no século XVI (KRENAK, 2017, p.34).

Logo, a raiva de Namor equivale a um acúmulo de centenas de anos, pois é apresentado no filme que quando os espanhóis chegaram a maioria de seu povo maia ficou doente. Assim como, o vilão perdeu a mãe para essa situação. Entretanto, não foi o fim do mundo para esse grupo, pois se adaptaram e passaram a viver em uma espécie de cidade subaquática. Mesmo assim, certo dia, quando estava mais velho, o antagonista incendiou e assassinou diversos espanhóis que tinham se instalado na sua antiga terra. Ou seja, a obra audiovisual nos apresenta um descendente maia que vivenciou a chegada dos colonizadores, se vingou e segue desejando se vingar.

³ Essa peça de roupa é conhecida pelo fato de o tecido cobrir o pescoço, podendo ser desde uma camiseta, até uma blusa de manga comprida ou um vestido. No Brasil, conhecemos como gola alta.

Nesse caso, observamos que se trata de ponto de vista quando apontamos Namor como o vilão. Uma vez que, o personagem, assim como a Shuri, apresenta um arco narrativo de luto. Porém, o antagonista está preso na fase da raiva. Ao ser rejeitado, o vilão ataca Wakanda com seus guerreiros e assassinam diversas pessoas inclusive a mãe de Shuri, Ramonda.

A partir da segunda tragédia, a perda da mãe, acompanhamos Shuri que já enfrentou três perdas de seus familiares. A princesa se torna uma rainha órfã da nação mais poderosa do Universo Cinematográfico da Marvel. Embora o documentário making of da produção apresente Letitia Wright, intérprete de Shuri, declarando que o filme busca abordar o luto devido ao período pandêmico da COVID-19⁴. Entretanto, devido ao fato de se tratar de uma personagem negra passando consecutivamente pelo luto, podemos realizar outro tipo de leitura.

Achille Mbembe escreveu o livro *Necropolítica* (2018). Nessa obra o autor apresenta o sistema violento que polariza a sociedade em duas comunidades, de uma forma que um grupo retém privilégios e o outro grupo é marginalizado. Sendo assim, o teórico percebe o racismo como a manutenção desse sistema, dando seguimento ao seu argumento, Mbembe (2018) indica que pessoas negras são definidas como o inimigo (o outro) a ser eliminado. Embora estejamos abordando esse conceito de maneira breve, conseguimos compreender que está presente na nossa sociedade atual, uma vez que Kilomba nos apresentou os tipos de racismo que foram percebidos na Europa, Estados Unidos e no Brasil.

Quando trazemos Mbembe (2018) para a nossa discussão estamos nos atendo à sua observação de que pessoas negras sofrem com a perseguição do Estado ao ponto de serem acudadas em territórios marginalizados e, em certos casos, assassinadas. Sendo assim, refletir sobre elementos que impactam o corpo negro na atualidade envolvem desde violências mais sutis até as mais fatais. Embora Shuri viva em um reino com diversos privilégios ainda experencia o luto consecutivamente ao longo da narrativa fílmica. Desse modo, podemos realizar a leitura que a super-heroína negra passa pelo luto da mesma forma que pessoas negras afetadas pelo racismo passam.

Assim, é possível identificar que, apesar de o luto de Shuri ser referente à sua família por motivações distintas, ainda assim é uma protagonista negra passando pelo luto duas vezes em um único filme. Ao reconhecer que os

⁴ *Assembled the making of Black Panther: Wakanda Forever* (2023)

idealizadores da obra são negros, eles desenvolveram uma narrativa compatível com a negritude em países que ainda sofrem com o impacto do período de escravidão, entretanto, ainda criam vilões que correspondem ao medo da cultura dominante.

Ao nos atermos ao conceito de Mbembe (2018) percebemos que o filme apresenta complexidades, pois observamos uma mulher negra passar pelo luto duas vezes, correspondendo à violência que pessoas negras sofrem em certos territórios, tornando-se um elemento narrativo interessante. Porém ainda se aponta um personagem contra-hegemônico, que também sofre com a necropolítica principalmente nos Estados Unidos, como o inimigo que deve ser temido. Desse modo, tomamos essa decisão criativa como um elemento narrativo pejorativo. Ao passo que exaltamos a verossimilhança dos sentimentos da protagonista com a realidade de diversas pessoas negras, precisamos questionar a projeção de Namor.

Após a contextualização da nossa crítica, vale perceber que agora Shuri sente raiva e esse elemento corresponde à violência que grupos minoritários sofrem. Desse modo, o maior obstáculo da heroína é lidar com o luto e superar de uma maneira saudável. Ao retornarmos para a narrativa do filme observamos que após a morte de Ramonda, Shuri se une com as demais lideranças femininas de Wakanda para preparar um contra-ataque. Por conseguinte, decide recriar a *Heart-Shaped Herb*, para assim se tornar a nova Pantera Negra. É preciso recordar que, Namor presenteia Shuri com o bracelete que sua mãe usava quando bebeu o chá da flor aquática.

A protagonista utiliza o bracelete como matéria prima para recriar a *Heart-Shaped Herb*, mesclando o poder feminino ancestral com a sua tecnologia. Após o consumo da flor, a heroína percebe que contém os poderes do Black Panther e vai em direção à área com os capacetes dos panteras negros anteriores, o prata de T'Challa e o dourado de Killmonger. Shuri caminha um pouco mais adiante e veste o capacete com detalhes dourados e prateados. A rainha decide ter a raiva de Killmonger, mas também decide ser nobre como o irmão. Ou seja, realiza-se a união do seu lado emocional anterior a sua jornada onde recordava-se do amor ao irmão com o lado racional que buscava frieza para lidar com o luto. Encontra-se o equilíbrio de quem a heroína era, a sua versão que sofreu o impacto da perda e a nova versão que decide seguir em frente.

O traje de Pantera Negra não é adaptado apenas para conter detalhes dourados e prateados, aqui observamos que as linhas metálicas delineiam o

corpo feminino. Apesar de Kilomba (2019) também discutir sobre a sexualização da mulher negra não há a presença desse estereótipo aqui ou nos outros figurinos da personagem. Esse fator se deve, primeiro, ao fato de que o corpo de Letitia Wright ser alto e magro, sendo assim, mais complexa a possível projeção de sexualização.⁵ Desse modo, a obra projeta a rainha de Wakanda sempre com figurinos que a colocam em posição de poder em qualquer ambiente em que perpassa. As roupas longas que enfatizam seu corpo esguio apenas potencializam a Pantera Negra.

A super-heroína vence Namor em uma batalha que começa no mar e vai até à praia de uma ilha e finaliza recitando “Wakanda para sempre”. No final, Shuri realiza o ritual de encerramento do luto, recordando os momentos bons que viveu ao lado do irmão, ou seja, está passando pela fase de aceitação do luto. A personagem chora, liberando seu lado emocional e assim surgem os créditos ao som de *Lift me up* da cantora Rihanna. A protagonista conclui a sua jornada como heroína, assim como conclui sua jornada com o luto.

A heroína é apresentada como uma substituição indicada como temporária, porém, sua narrativa afirma que seus objetivos são mais amplos do que vestir o manto do Pantera Negra. Enquanto a rainha dispensa tradições ainda valoriza os conselhos dos ancestrais. Enquanto a cientista desenvolve diversos aparatos tecnológicos, seu melhor mecanismo de defesa é a compaixão.

Considerações finais

Por fim, vale pensar em Shuri como essa protagonista geral, podemos averiguar outros dados narrativos para compreender a essência da super-heroína. Ambas as Shuris escolhidas para esta breve investigação (*Shuri vol 1-10* (2018) e *Pantera Negra: Wakanda Para Sempre* (2022)) vestiram o manto de Pantera Negra devido à ausência do irmão. Esses processos de separação impactaram, desde a autoestima da personagem, até a sua forma de se projetar para a nação.

Shuri é uma mente criativa que transita entre posições de poder, desde uma das personagens mais inteligentes da *Marvel Comics*, à princesa e à heroína, projeção fora do comum ao observar a sociedade atual. Pois, ao conhecermos

⁵ O estereótipo da mulher negra sexualizada normalmente envolve os seguintes elementos: um corpo voluptuoso, com ênfase nos glúteos e seios. Um exemplo famoso seria Sarah Baartman https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160110_mulher_circo_africa_lab

o conceito de racismo institucional abordado por Grada Kilomba (2019), Shuri é uma figura que, ao partir de seus papéis sociais, já pode ser considerada uma representação interessante para os meios de comunicação. Uma vez que a protagonista rompe com a limitação empregatícia que é imposta à negritude, superando narrativas pejorativas e apresentando-se apenas em posições de poder.

Ao levantar dados referentes ao *imaginal* e à sociedade ocidental, foi possível refletir sobre a relevância da projeção de uma heroína negra. Após esse reconhecimento, foi possível desvelar elementos relativos ao arco narrativo da heroína. Portanto, em um ambiente hegemônico, as obras audiovisuais do Pantera Negra conseguem romper nesse espaço mantendo a sua identidade. Entretanto, projetam como vilões personagens contra-hegemônicos que buscam revoluções sociais, demonstrando também algumas contradições nessas projeções fílmicas.

Com diretor e roteiristas negros, a obra exalta a cultura afro. A maioria das indicações ao Oscar, eram referentes às mulheres negras do projeto, como: melhor canção original, melhor maquiagem, melhor figurino e melhor atriz coadjuvante. Embora a obra desenvolva personagens interessantes, tentando evitar elementos pejorativos, ainda é uma obra que no final gera lucro para um grupo hegemônico. Por essa razão, é preciso tensionar a necessidade de análise desses conteúdos.

Logo, vale ressaltar que Shuri é uma protagonista construída com diversas camadas e nuances. Desenvolvida por autoras e atores que conhecem formas de projetar a personagem de maneira não pejorativa. Uma super-heroína negra que se retira da cadeira de coadjuvante e torna-se a primeira a se sentar no trono do protagonismo.

Bibliografia

BLACK Panther: Wakanda Forever. Direção de Ryan Cogler. Estados Unidos. Marvel Studios, 2022. Filme (2h 41m).

BOTTICI, Chiara. **Imaginal Politics: Images beyond imagination and the imaginary**. New York: Columbia University Press, 2014.

BUTLER, Judith. Atos performáticos de gênero e a formação dos gêneros: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

COLEMAN, Beth. Race as Technology. **Revista Camera Obscura** 70, v.24, n.1, 2009.

GARCIA, Yuri. Comic Books in Silver Screens: um mapeamento das transposições de HQs no Cinema hollywoodiano. Goiânia: **Revista Comunicação e Informação**, v.26, 2023.

- HALL, Stuart. **Da Diáspora Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- HOOKS, bell. **Cinema Vivido: Raça, classe e sexo nas telas**. São Paulo: Elefante, 2023.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação – Episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2020.
- LAURETIS, Teresa de. A tecnologia de gênero In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.
- LE MOS, André. A crítica da crítica essencialista da cibercultura. **Revista MATRIZES**. São Paulo, n9(1), 2015. P.29–51.
- LUYTEN, Sonia Bibe. **Implodindo preconceitos: A conduta na pesquisa das histórias em quadrinhos**. In. VERGUEIRO, Waldomiro, RAMOS. Paulo, CHINEN, Nobu (org.). Os pioneiros no estudo de quadrinhos no Brasil. São Paulo: Criativo, 2023.
- MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: n-1, 2018.
- MOREIRA, Adilson. **Racismo Recreativo**. São Paulo: Pólen, 2019.
- TIBURI, Marcia. **Feminismo em comum: para Todas, Todes e Todos**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

Recebido em: 31/03/2025

Aceito em: 25/06/2025